

BETAR & ARTES LETRAS

#173 | FEVEREIRO | 2025

75 anos

o cinema São Jorge
festeja o seu aniversário

SÃO JORGE

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Residência Assistida Bom Sucesso - ERPI

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Propostas culturais, diversificadas e de qualidade, é o que se encontra neste mês de fevereiro.

Em Lisboa, “A Médica”, uma adaptação contemporânea de Robert Icke da peça “Professor Bernard”, de Arthur Schnitzler, sobe ao palco do Teatro da Trindade; Patrício Torres explora uma linguagem com sombras do teatro do absurdo em “Não vos arrancarei a língua...”, no Teatro Aberto; e Pedro Penim reinventa “A Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente, em cena no Teatro Variedades.

Nas artes, o Museu do Fado explora “Imagens do Fado na arte portuguesa”; a Fundação Serralves apresenta “Offering Cloud of Scattered Genitalia”, de Devendra Banhart; e no Museu Nacional de Arte Antiga a nova temporada inicia-se com “Seres e Animais Fantásticos: desenhos europeus séc. XVI a XVIII”.

Quanto a concertos são esperados os Calexico, na Casa da Música; Franz Ferdinand, na Aula Magna; António Zambujo, no Campo Pequeno; a Ópera Die Fledermaus, pela Orquestra Filarmónica Portuguesa, no Coliseu do Porto; e duas homenagens a Carlos Paredes, no CCB e no teatro São Luiz.

A Quorum Dance Company traz-nos o espetáculo “Hashtag#free”; e no cinema o destaque vai para a retrospectiva sobre Jacques Demy, no Cinema Nimas, e para a programação das celebrações dos 75 anos do Cinema São Jorge.

A entrevista desta edição é com o Arquiteto Pedro Matos Gameiro que nos fala um pouco sobre o seu percurso profissional.



Miguel Villar

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A Betar foi responsável pelas fundações e estruturas de um edifício localizado no bairro de Campo de Ourique cujo exterior é em betão aparente conjugado com panos de alvenaria no mesmo material



om um piso térreo de entrada, garagem e cinco pisos elevados para habitação, este edifício acompanha a altura dos que com ele confinam na rua. O desenho dos espaços interiores incorporou a inclinação

de uma das empenas relativamente à rua, projetando-os em elementos enviesados à fachada principal e criando um logradouro de planta triangular a tardoz. As estruturas, em betão armado, são do tipo porticado, com pilares e paredes resistentes. O edifício é constituído por um único corpo estrutural com lajes fungiformes aligeiradas com moldes plásticos tipo cobiax. Acima do piso 1, o pilar interior passa a metálico e a laje apresenta um recuo na fachada de tardoz. As lajes têm duas bandas maciças pré-esforçadas apoiadas no pilar interior. Para as fundações definiu-se uma solução de fundações indiretas por microestacas.

Francisco Metrass 60, Lisboa

Projeto: 2016

Obra: 2020

Arquitetura:

J. P. Falcão de Campos

Cliente: SSP – Sociedade
de Exploração Imobiliária

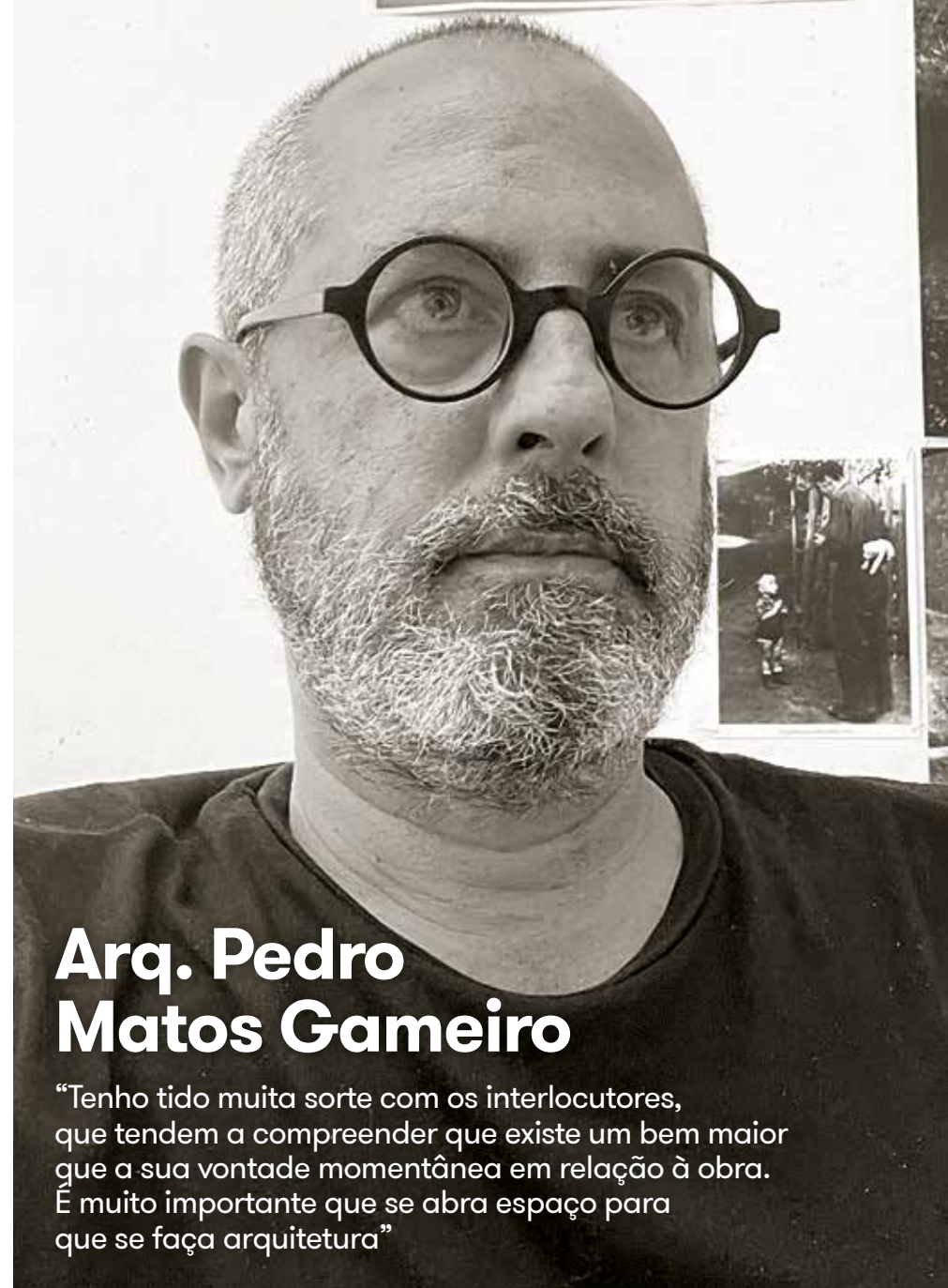
Âmbito: Demolições e
Fundações e Estruturas

Fotografia: José Manuel

Rodrigues, Catarina

Picciochi e Aurélio Vasques

À CONVERSA COM



Arq. Pedro Matos Gameiro

“Tenho tido muita sorte com os interlocutores, que tendem a compreender que existe um bem maior que a sua vontade momentânea em relação à obra. É muito importante que se abra espaço para que se faça arquitetura”

ARQ. PEDRO MATOS GAMEIRO

Fale-nos um pouco do seu percurso inicial. Porquê arquitetura?

Não tenho nenhum tipo de herança, ninguém que me tenha trazido para a arquitetura. Hoje talvez reconheça que as memórias que tenho dos vários sítios que fui habitando, tiveram algum impacto, mas é uma pós-memória. Foi uma coisa construída por mim e foi só no fim do curso que houve um verdadeiro encantamento. Também nunca passei por aquela maravilhosa experiência de aprender com uma espécie de tutoria, num escritório grande. Acabei por desenvolver sistemas próprios e, claro, a proximidade e amizade com outros colegas fez-me aprender imenso. Nos primeiros 8 anos, tive uma sociedade com o Arq. Carlos Cresso, depois cada um seguiu o seu caminho e desde 2006 que o escritório é gerido por mim.

No entanto, continua a realizar parcerias com diversos arquitetos. Qual é a vantagem?

Esse foi o meu processo de aprendizagem. Atualmente, os jovens arquitetos começam em coletivos. Quando eu comecei ainda era comum formarmos duplas ou começar sozinho. Mas quem trabalha como autor individual, muitas vezes, tem necessidade e interesse em trabalhar com outras pessoas. Já tive várias oportunidades para trabalhar com pessoas que muito admiro e isso traz a possibilidade de fazer projetos melhores, porque a experiência acumulada de trabalho autónomo permite trazer para a mesa de discussão visões

que se complementam, variações que nos interessam, e isso é uma riqueza imprescindível.

Com uma experiência de 25 anos, quais os fatores que distinguem o seu trabalho?

Fundamentalmente, tentamos atuar de forma consciente da nossa limitação, não há génios, tudo decorre de um trabalho intenso, embora muito prazeroso. Aqui no escritório tentamos sempre ver o que permaneceu ao longo dos anos, o que tem sido permanente em determinado tipo de edifícios. Olhar para a história com humildade e aprender com o que já foi feito. Somos um dos elos que continua a corrente, temos de ter um olhar vivo e enérgico e perceber que na história temos os exemplos. O segundo aspeto tem a ver com o lugar, e essa é uma característica muito presente na arquitetura portuguesa, há uma certa sensibilidade às expressões de cada sítio. Temos de conhecer e interpretar as características do lugar, ainda que possa ser para nos opormos de alguma forma.

Foi nomeado e venceu vários prémios de arquitetura... Como encara esses reconhecimentos?

Não vou mentir, é agradável, é uma validação externa. Quando fazemos arquitetura temos de ter uma certa autoconfiança, temos de ter dúvidas, não temor. E é importantíssima a validação que vem da satisfação das pessoas que habitam os espaços. Mas quando outras pessoas, de fora, validam o nosso trabalho, melhor. Tenho tido muita sorte



Adegas e Residência de Estudantes
no Mosteiro de Santa Maria do Mar,
Sassoeiros, Carcavelos

com os interlocutores, que tendem a compreender que existe um bem maior que a sua vontade momentânea em relação à obra. É muito importante que se abra espaço para que se faça arquitetura. Quando se faz uma casa para um cliente privado é muito fácil perceber se está satisfeito, na obra pública é mais difícil, é preciso perceber como alastra para os utilizadores e aí há um aspeto que é fundamental para saber se o edifício é bem recebido, que é a forma como ele é tratado. A Biblioteca de Grândola, por exemplo, já está construída há uns anos e está como no dia da inauguração e qualquer coisa que querem fazer telefonam, pedem para eu desenhar...

Doutorado em Arquitetura, leciona na Universidade de Évora, desde 2004. O que é que retira dessa experiência?

Eu aprendo imenso. Dar aulas de projeto é estar a colaborar, à vez, com cada aluno, em 30 projetos diferentes. Dou aulas ao 2o ano e eles vêm num momento de maturidade que ainda é baixo e isso é desafiante, permite uma frescura incrível porque partir das ideias mais ou menos ingénuas deles abre campo para explorar hipóteses que, à partida, eu não

iria explorar. Depois é orientar. É uma experiência absolutamente fundamental, que me põe à prova. Há alunos brilhantes que me colocam numa posição muito exigente. A aprendizagem é mútua, são 6 horas em alta rotação.

Como olha para o futuro do atelier?

Vamos ano a ano. Isto tem de ser bom, no fim o resultado tem de nos descansar e fazer pensar “ainda bem que cá estava para fazer isto”. Se não houver trabalho daqui a 5 anos, eu não fiz nada para que isso acontecesse. Tirando 3 ou 4 exceções, ninguém tem a garantia de que daqui a 10 anos tem o atelier em funcionamento porque a arquitetura, como eu gosto de a entender, não sei se é muito popular, hoje. Acho que a arquitetura, cada vez mais, é um trabalho de nicho. Existe outra perspetiva sobre a arquitetura que está a alimentar, com grande sucesso, uma encomenda cujo principal objetivo não é produzir arquitetura, é construir metros quadrados e aí há escritórios que respondem muito melhor que nós, de forma menos apaixonada, mais para responder ao presente que a pensar no futuro. Mas eu acredito na autodeterminação das pessoas.

ARTES



Imagens do Fado a arte portuguesa

Consagrada à presença do Fado nas artes plásticas nacionais, esta exposição propõe uma leitura integrada e multidisciplinar das representações do Fado na arte portuguesa dos séculos XIX-XXI, reunindo obras de José Malhoa, Columbano Bordalo Pinheiro, Leonel Marques Pereira, Rafael Bordalo Pinheiro, Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Domingos Alvarez, Francis Smith, Eduardo Moura, Carlos Reis, Alfredo Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro, Eduardo Malta, Bernardo Marques, Stuart Carvahais, João Abel Manta, Cândido da Costa Pinto, Leonel Moura, Paula Rego, João Vieira e Júlio Pomar. **ATÉ 23 DE MARÇO**

Museu do Fado, Lisboa

ARTES

Offering Cloud of Scattered Genitalia

Devendra Banhart é um músico, poeta e artista visual internacionalmente aclamado. Paralelamente a uma carreira bem-sucedida no campo da música, iniciou um percurso singular como artista visual em meados dos anos 2000. Devendra tem exposto os seus desenhos e pinturas, frequentemente enigmáticos, em galerias de todo o mundo, incluindo o San Francisco Museum of Modern Art, Palais des Beaux-Arts, em Bruxelas, e o Museum of Contemporary Art, em Los Angeles. Os seus trabalhos podem agora ser vistos, pela primeira vez em Portugal, nesta mostra que explora a proximidade entre as expressões musical e visual.

ATÉ 18 DE MAIO



Fundação Serralves, Porto

Propostas culturais, diversificadas e de qualidade, é o que se encontra no mês de fevereiro. São várias as peças de teatro, concertos e exposições que preenchem os dias frios de Lisboa e do Porto. Veja as nossas sugestões

ARTES



Seres e Animais Fantásticos: desenhos europeus séc. XVI a XVIII

Dragões, centauros, sereias e tritões são alguns dos muitos seres fantásticos que povoam a imaginação dos povos no Ocidente. Este mundo de fantasia tem raízes nas narrativas orais e literárias que se desenvolveram desde a Antiguidade, tendo alcançado um forte protagonismo na arte europeia ao longo dos séculos. As figuras míticas, na fronteira entre o real e o irreal, surgiam da necessidade de explicar fenómenos naturais e as suas representações impunham grandes desafios à imaginação e à capacidade criativa dos artistas. Este tema mantém-se popular na atualidade, numa altura em que a banda desenhada e o cinema de animação têm feito recrudescer o interesse pelas figurações fantásticas. Encontram-se, nesta mostra, alguns desenhos com figurações e temas afins, executados entre os séculos XVI e XVIII. **ATÉ 6 DE ABRIL**

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

TEATRO



A médica

Esta adaptação contemporânea de Robert Icke da peça “Professor Bernard”, de Arthur Schnitzler, mergulha numa intensa reflexão sobre questões morais, éticas e religiosas. Piedade Lobo, diretora do Instituto ALMA, recusa a entrada de um padre católico na sala de operações, onde uma jovem está em estado crítico devido a um aborto malsucedido. Depois da gravação da discussão entre a diretora e o padre se tornar viral na Internet, Piedade começa a ser alvo de fortes críticas que culminam num julgamento público televisionado, onde a diretora é confrontada com suas convicções pessoais e profissionais.

ATÉ 16 DE FEVEREIRO

Teatro da Trindade, Lisboa

TEATRO

Não vos arrancarei a língua...

Guilherme e Guilhermina, jovens namorados, sexuais e impetuosos, passam da flor da idade para a velhice, num salto temporal mágico, transfigurando-se num casal idoso. Agora, condenados a um fim de vida sem fim à vista, preenchem os dias com memórias e emoções que parecem nunca ter existido. Esta peça de Patrício Torres (Grande Prémio de Teatro Português Teatro Aberto/SPAutores 2023) explora uma linguagem com sombras do teatro do absurdo, onde o ritmo e a música das palavras iluminam o frágil sentido da existência humana. Aqui a tragédia e comédia têm o mesmo batimento e o teatro pode ser um sopro de vida. **ATÉ 16 DE FEVEREIRO**



Teatro Aberto, Lisboa

TEATRO



A farsa de Inês Pereira

Ainda encerrado devido a obras, o Teatro Nacional D. Maria II continua a ter as suas produções em cena noutros palcos. O Teatro Variedades vai receber “A Farsa de Inês Pereira”, já em fevereiro. A primeira apresentação desta obra de Gil Vicente aconteceu no Convento de Tomar, perante o rei D. João III. O relato cómico sobre as desventuras de uma mulher da classe média portuguesa do séc. XVI, que desafia o poder familiar e a mentalidade medieval, seria considerada a mais perfeita obra do “fundador do teatro português”.

Cinco séculos depois da sua primeira apresentação, Pedro Penim reescreve o original vicentino e transforma-o numa obra do nosso tempo. Esta Inês Pereira deita o seu olhar cáustico sobre alguns alicerces da sociedade contemporânea, nomeadamente o trabalho, a sexualidade e a célula familiar.

DE 12 FEVEREIRO A 2 MARÇO

Produção: Teatro Nacional D. Maria II
 Texto: Pedro Penim
 Interpretação: Ana Tang, Bernardo de Lacerda, David Costa, Hugo van der Ding, June João, Rita Blanco e Vítor Silva Costa
 Teatro Variedades, Lisboa

MÚSICA



Calexico

DIA 4 DE FEVEREIRO, CASA DA MÚSICA, PORTO

Os Calexico estão de volta com uma digressão especial pela Europa. Aclamados pelo seu indie rock extenso e transcultural, a banda, fundada por Joey Burns e John Convertino, tem explorado as fronteiras musicais do sudoeste americano, criando canções singulares e magníficas.

Franz Ferdinand

DIA 14 DE FEVEREIRO, AULA MAGNA, LISBOA

A banda de rock escocesa anunciou a digressão “The Human Fear”, nome do último disco, onde promete apresentar-se no seu estado mais animado e afirmativo, sem vergonha, ao estilo clássico de Franz Ferdinand: “um conjunto de canções à procura do entusiasmo de ser humano através dos medos”.



António Zambujo

DIA 21 DE FEVEREIRO NO CAMPO PEQUENO, LISBOA

Em 2025 António Zambujo regressa aos palcos para percorrer o seu repertório, bem como as músicas da sua vida. Há muitos mundos dentro do mundo deste artista e, ao vivo, há a certeza de que é um músico de excelência, com uma capacidade única para cativar o público que o ouve.

Ópera Die Fledermaus

DIA 27 DE FEVEREIRO NO COLISEU PORTO AGEAS, PORTO

A temporada lírica de 2025 é inaugurada com a ópera “Die Fledermaus” (O Morcego), de Johann Strauss II. Estreada em 1874, em Viena, esta ópera conquistou um lugar no repertório mundial. A Orquestra Filarmónica Portuguesa irá interpretá-la em todo o seu esplendor, com um talentoso elenco de solistas.



MÚSICA

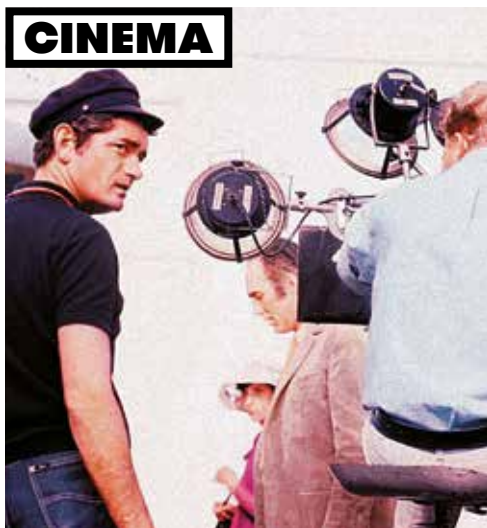
Homenagens a Carlos Paredes

Filho de Artur Paredes, neto de Gonçalo Paredes e sobrinho-neto de Manuel Rodrigues Paredes, Carlos Paredes foi herdeiro de uma vasta tradição familiar, onde a guitarra esteve sempre presente. Soube renovar e reinventar a sonoridade da guitarra portuguesa e a sua obra torna-o num dos mais completos compositores e instrumentistas de sempre e assume um valor incalculável na cultura musical nacional.

Em “Perpétuo: Tributo a Carlos Paredes”, dia 6 no CCB, homenageia-se o mestre, juntando alguns dos mais brilhantes instrumentistas de hoje. E no São Luiz, dia 5, “No centenário de Carlos Paredes”, a Orquestra Metropolitana de Lisboa transfigura o timbre da guitarra em registo sinfónico trazendo algumas das músicas que o próprio ali tocou em 1992, como “Canto do Amanhecer”, “Verdes Anos” e “Dança Palaciana”.

DIAS 5 E 6 DE FEVEREIRO

Centro Cultural de Belém
e São Luiz Teatro Municipal,
Lisboa



Retrospectiva Jacques Demy

Jacques Demy distinguiu-se dos cineastas da Nouvelle Vague através de narrativas profundamente emotivas e poderosas. Adaptou a herança do cinema clássico americano num estilo refinado e colorido, com momentos musicais de Michel Legrand. Ao longo da sua carreira, a sua imaginação poética criou um universo próprio, marcado por encontros e desencontros. Alguns filmes a exhibir: Lola (1961); A Baía dos Anjos (1963); Os Chapéus de Chuva de Cherburgo (1964) (4K); As Donzelas de Rochefort (1967); A Princesa com Pele de Burro (1970); O Tocado de Flauta (1972); Um Quarto na Cidade (1982) e Parking (1985).

ATÉ 26 DE FEVEREIRO

Cinema Nimas, Lisboa

CINEMA

75 anos do Cinema São Jorge

Para assinalar os 75 anos do Cinema São Jorge é apresentada uma programação especial. No dia 24 a sessão é de cine-concerto com a exibição de “A Quimera do Ouro”, de Charles Chaplin, acompanhado pela Lisbon Film Orchestra. Dia 25 passa “O Último Tango em Paris”, de Bernardo Bertolucci; dia 27 “Roma”, de Federico Fellini; dia 28 “A Grande Evasão”, de John Sturges; dia 1 de março “Um Violino no Telhado”, de Norman Jewison; e dia 2 “Um Dia em Nova Iorque”, de Gene Kelly e Stanley Donen. Nos dias 1 e 2 há ainda a oficina “STOP! Animação!” onde as crianças ficam a conhecer técnicas de animação utilizadas nos filmes.

DE 24 DE FEVEREIRO A 2 DE MARÇO



Cinema São Jorge, Lisboa



Hashtag#free

A Quorum Dance Company apresenta uma criação original de Daniel Cardoso. Um palco, 8 bailarinos e um coreógrafo. Sem ideias predefinidas, sem pretensões de seguir correntes artísticas ou estilos, esquecem toda a inibição, negam o controlo e deixam tudo para trás. No presente que vive num espaço onde o simples é rotina e o espontâneo real, “Hashtag#free” revela-se incrivelmente surpreendente, não só pela elevada qualidade artística, a que Daniel Cardoso já nos habituou, como também pela escolha musical, original e inesperada. Pretende-se explorar e interpretar valores intemporais como os direitos humanos, sentimento de fraternidade, paz e respeito pela diferença que serviram como estímulos para a construção desta peça.

DIA 14 DE FEVEREIRO

Teatro Maria Matos,
Lisboa
Direção Artística
e Coreógrafo:
Daniel Cardoso
Música: Hania Rani,
The Cure, Agnes Obel,
Olafur Arnalds, RY X,
Sromae e Dead or Alive.

MOÇAMBIQUE

CINEMA

MyFrenchFilmFestival

Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

Com o CCFM, 2025 começa da melhor maneira. Haverá cinema de qualidade na 15.ª edição do MyFrenchFilmFestival. Este festival de cinema francófono oferece uma programação que inclui filmes para todas as idades. A seleção deste ano apresenta 10 longas-metragens, entre elas 9 em competição e um clássico do cinema, além de 10 curtas-metragens que combinam criatividade e diversidade. Todos os filmes estão disponíveis em francês, com legendas em português e mais 7 idiomas, tornando o festival acessível a todos. Uma oportunidade para explorar histórias inesquecíveis e desfrutar do melhor do cinema francófono!

ATÉ 17 DE FEVEREIRO



ARTES



Museu do CFM

CFM - Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique, Maputo

O CFM é uma instituição de âmbito tecnológico, científico e cultural ao serviço da comunidade moçambicana. O seu museu conta a história dos caminhos-de-ferro de Moçambique, de forma breve mas bem descrita, e inclui a visita às instalações da Estação Central dos Caminhos de Ferro de Maputo, datada de 1916. A exposição celebra também a vida e legado do primeiro Presidente de Moçambique independente, Samora Machel. Embarque numa jornada através de imagens históricas que contam uma parte essencial da história do país.

DURANTE O ANO

EUROPA

ARTES

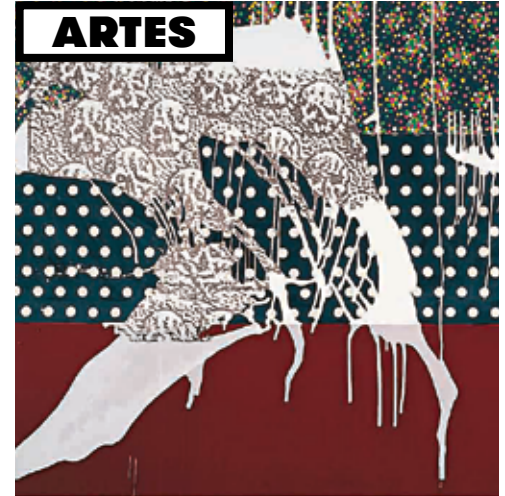
Expressionismo Alemão

Moderna Museet, Estocolmo, Suécia

Esta mostra reúne o trabalho vibrante e inovador do grupo Die Brücke, que abalou a cena artística do início do século XX com cores vivas e formas simplificadas. Fundada em 1905 por um grupo rebelde de estudantes de arquitetura, a arte de Brücke marca o início da maior contribuição da Alemanha para o modernismo e a criação do expressionismo. O Moderna Museet da Suécia permite aos visitantes explorar uma coleção de pinturas, desenhos e esculturas dos fundadores da Brücke: Ernst Ludwig Kirchner, Otto Bleyl, Erich Heckel e Karl Schmidt-Rottluff, bem como outros membros como Emil Nolde e Max Pechstein. **ATÉ 9 DE MARÇO**



ARTES



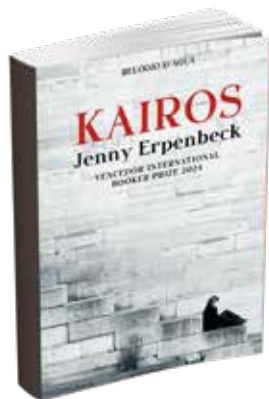
Sigmar Polke: Afinidades reveladas

Museu do Prado, Madrid, Espanha

Esta exposição oferece a oportunidade de conhecer a obra de um dos nomes mais influentes da arte contemporânea europeia e descobrir o fascinante diálogo que estabeleceu com a tradição pictórica espanhola, tendo Francisco de Goya como expoente máximo. Dois artistas separados por quase dois séculos, mas ligados por uma abordagem disruptiva e visionária. A mostra reúne mais de quarenta obras de Sigmar Polke, além do magnífico quadro “Velhas ou Tempo”, de Goya. A exposição une os legados de dois grandes mestres, estabelecendo um diálogo entre a experimentação de Polke e a carga simbólica da obra de Goya.

ATÉ 16 DE MARÇO

PARA LER

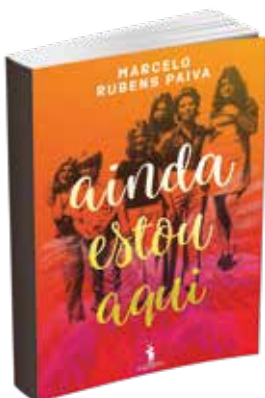


Kairos Jenny Erpenbeck

Berlim, 11 de julho de 1986. Encontram-se por acaso num autocarro. Ela é uma jovem estudante, ele é mais velho e casado. Nasce uma atração súbita e intensa, alimentada pela paixão partilhada pela música e pela arte. Entretanto, o mundo em redor está a mudar. À medida que a RDA começa a ruir, também as velhas certezas e lealdades se desfazem, anunciando uma nova era, cujas conquistas trazem consigo uma perda profunda. Um relato íntimo e devastador do caminho de dois amantes pelos escombros de uma relação, num dos períodos mais turbulentos da história europeia.

Ainda estou aqui Marcelo Rubens Paiva

Eunice Paiva é mãe de cinco filhos e passou a criá-los sozinha quando o marido, o deputado Rubens Paiva, foi preso por agentes da ditadura, e depois torturado e morto. No meio da dor, ela reinventou-se. Voltou a estudar e tornou-se advogada. Ao falar de Eunice, e da sua última luta, contra o Alzheimer, o autor mergulha num momento obscuro da história recente brasileira para tentar entender o que de facto ocorreu com Rubens Paiva, seu pai, naquele mês de janeiro de 1971. “Ainda estou aqui” foi adaptado ao cinema por Walter Salles e candidato aos Oscars 2025.



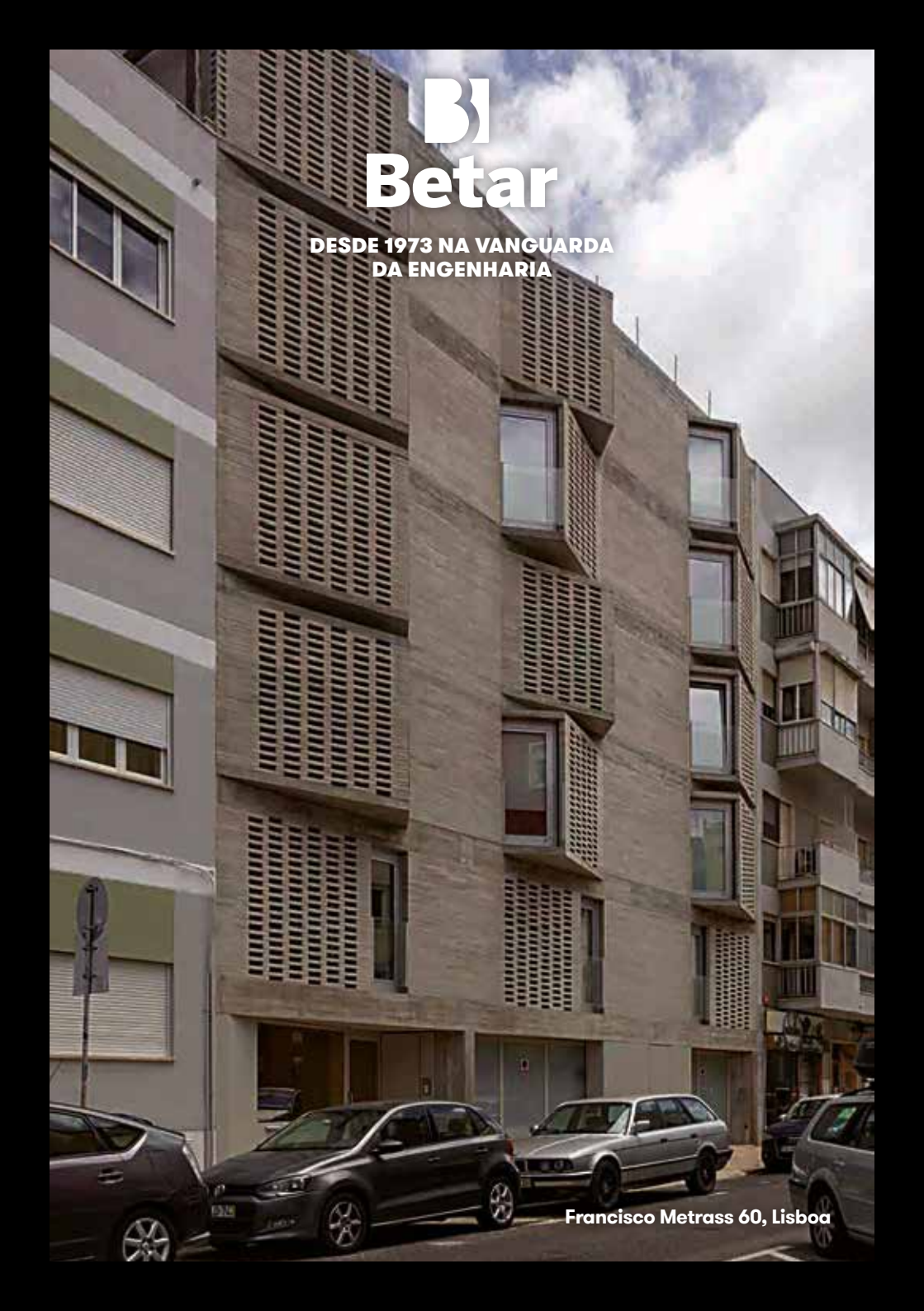
VIAGEM

Grécia

Quando se fala em férias na Grécia, imaginamos ilhas paradisíacas, praias e esplanadas. Apesar de não sermos adeptos de destinos da moda, foi por Santorini que começámos a nossa viagem. Cercada pelo Mar Egeu, a ilha é verdadeiramente deslumbrante e diferente de qualquer outro lugar que já tenha visitado. Na cidade de Oia, a joia da coroa de Santorini, as casas caiadas de branco e cúpulas de igrejas pintadas de azul-celeste, recortadas nas encostas, desenhavam um quando magnífico, à luz do dia, e um espetáculo glorioso ao pôr do sol.

Da ilha voámos para o continente. Atenas, berço da cultura grega e da civilização ocidental, tem uma riqueza arqueológica impressionante que faz da mais antiga capital da Europa um autêntico museu a céu aberto. Começámos pela Acrópole, um complexo de templos cujas ruínas estão muito bem preservadas e o museu resguarda inestimáveis achados da Grécia Antiga. Depois visitámos a Ágora, os Templos de Hefesto e de Zeus Olímpico e o Arco de Adriano. Não podíamos excluir o Estádio Panatenaico, onde se celebraram os primeiros Jogos Olímpicos de era moderna, em 1896, e o bairro de Plaka, que conserva o encanto da Grécia tradicional, com restaurantes típicos onde se come muitíssimo bem. Da capital rumámos às montanhas da Tessália, onde ficam os mosteiros de Meteora, suspensos no cimo de estreitas formações rochosas. Um sítio enigmático, se pensarmos que existe desde o século XIV, e inigualável, tendo em conta a visão improvável de antigos edifícios equilibrados no topo de penhascos.

por Cátia Teixeira



B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

Francisco Metrass 60, Lisboa